

RUBEM BRAGA

O JÔGO

O CHEFE de Polícia disse aos jornalistas que não há meio de acabar com o bicho, mesmo porque o pessoal que tem para isso é muito pequeno. Mas existe a repressão, o que é fácil provar com a estatística dos flagrantes.

A verdade é que essa repressão, mesmo precária, afeta o jôgo. Sujeitos comodistas como eu só jogam no bicho quando isso é fácil. Lembro-me de um tempo, em São Paulo, em que nos fundos de toda casa de loterias havia uma sala onde se fazia o jôgo com toda a comodidade: papel, carbono, lápis, mesa, quichê; eu jogava quase todo dia. Ficou famoso, por sinal, nos começos do século, o vício de um sacerdote boníssimo, cuja memória até hoje é cultuada, o padre Chico. O reverendo fazia sua lêinha todo santo dia, quando ganhava, distribuía o dinheiro pelos seus pobres, dizendo: «Nossa Senhora mandou dar o tigre para ajudar vocês...».

O ideal seria que os imensos lucros do bicho fôsem para os pobres. O bicho legal, e bem organizado, seria talvez um meio de resolver o problema das favelas. No Brasil somos muito moralistas em matéria de jôgo; moralistas incoerentes, porque temos a loteria e o turfe, este com a engraçada desculpa de promover a melhoria do cavalo brasileiro. E passamos de um polo a outro: houve um tempo em que havia três grandes cassinos no Rio, hoje isso é proibido mesmo nos lugares mais distantes; só funciona a título precário um cassino aqui ou ali para alimentar «caixinhas» eleitorais e, como o bicho, enriquecer policiais.

Ainda este ano será inaugurado o hotel de Quédas do Iguaçu, um grande hotel deifrontando o que considero, sem hesitação, a mais bela paisagem de todo o mundo, o lugar mais maravilhoso que já conheci. Pois bem, o Governo Federal constrói esse hotel, gastando muitos e muitos milhões para enriquecer... a Argentina. Isso porque todo turistista atravessará o rio para jogar na outra margem. Cometeremos essa patética por uma questão de princípios; princípios que não funcionam no caso das loterias...